

A influência dos Estados Unidos na disputa regional sul-americana no período de 1969 a 1974

André L. Araujo¹, Carlos Gustavo P. Teixeira²

1. Estudante de IC da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; *andre@araujo.me

2. Professor do Depto. de Relações Internacionais, PUC-SP.

Palavras Chave: *América do Sul, Estados Unidos, Política Externa Brasileira*

Introdução

A presente pesquisa aborda o período dos governos Médici (Brasil) e Nixon (Estados Unidos), analisando o grau de influência estadunidense na América do Sul, durante um período no qual o Brasil consolidou uma posição preponderante sobre a Argentina. Portanto, o trabalho estuda a política externa de Washington para a região, verificando uma atuação mais discreta para evitar as consequências da presença ostensiva. Na conjuntura da Guerra Fria, o fenômeno pode ser explicado à luz da teoria do aliado preferencial, isto é, um país-chave que compartilhava os custos de manutenção da ordem internacional, com algumas tarefas delegadas e relativo grau de autonomia. Tal posição foi disputada por Argentina e Brasil na época.

Resultados e Discussão

Primeiramente, durante a presidência de Nixon, a postura estadunidense para a América do Sul foi menos ostensiva do que em outros períodos e utilizou a política do aliado preferencial. Conforme as relações diplomáticas entre Argentina, Brasil e Estados Unidos, tal aliança foi favorável à Brasília, devido às variáveis domésticas no nível da política, economia e sociedade, porque apresentavam condições mais favoráveis do que a vizinha Argentina. Por um lado, Buenos Aires passava por crises política e econômica e, historicamente, apresentou um forte nacionalismo e oposição a Washington, são fatores que diminuíram seu poder relativo na América do Sul e sua competição na política do aliado preferencial. Por outro lado, Brasil pode barganhar seu papel com os Estados Unidos.

Contudo, deve-se considerar que o governo de Médici, instrumentalizando a diplomacia do interesse nacional, possuía objetivos próprios que podiam convergir aos dos Estados Unidos. Foi um período chamado de desalinamento sem confronto, devido à postura do governo brasileiro face à superpotência hegemônica. Em outros termos, apesar de não se opor às decisões de Washington, tampouco as aceitava de maneira automática, buscando uma posição mais favorável para o Brasil na conjuntura internacional, isto é, uma situação de intermediário e industrializado na sociedade internacional. Portanto, as relações de Brasília e Buenos Aires com Washington são dois elementos explicativos para o problema proposto. Ademais, um terceiro ponto deve ser ressaltado para compreender o sistema de poder internacional na região, no qual o Brasil assumiu uma posição preponderante nas décadas seguintes. A aproximação de países platinos (Bolívia, Paraguai e Uruguai) ao Brasil, a fim de reforçar seu poder político e econômico e isolar a Argentina, com pouco apoio internacional. Foi um movimento que favoreceu Brasília frente aos Estados Unidos.

Conclusões

No período analisado, entre 1969 e 1974, a compreensão das relações internacionais da América do Sul deve incluir as variáveis domésticas de cada Estado, porque possibilitaram a efetivação de projetos internacionais frente aos demais países sul-americanos e frente aos Estados Unidos. Estes mantiveram sua atitude expansionista no Sul, porém de uma maneira diferente, através da divisão de funções com aliados regionais e tentando assegurar uma imagem menos ofensiva. Sendo assim, além da política externa estadunidense, consideramos que as crises argentinas foram elementos de conjuntura que permitiram a ascensão brasileira, com cenário doméstico mais estável. Além disso, as relações da Bolívia, do Paraguai e do Uruguai dentro da influência brasileira modificaram a geopolítica regional.

Agradecimentos

Agradeço ao apoio de minha família durante o período de estudos.

Aos amigos da graduação que me acompanharam no desenvolvimento deste projeto.

Ao prof. Carlos Gustavo pela orientação acadêmica nos últimos anos.

Ao PIBIC-CEPE pelo fomento da pesquisa.

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. *Segurança e defesa no Cone Sul: da rivalidade da Guerra Fria à cooperação atual*. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve história da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996.

FERNANDES, Ananda Simões. A política externa da ditadura brasileira durante os “anos de chumbo” (1968-1974): as intervenções do “Brasil Potência” na América Latina. *História Social*. Campinas, n. 18, 2010.

FIECHTER, Georges-André. *O regime modernizador do Brasil, 1964-1972: estudo sobre as interações político-econômicas em um regime militar contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 1974.

IANNI, Octavio. *Sociología del imperialismo*. México: Sep Setentas, 1974.

LEICHT, Federico. *Orden y progreso: el influjo de Brasil en el camino al golpe de estado*. Montevideo: Ediciones de la Plaza, 2013.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *A geopolítica do Brasil e a Bacia do Prata*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1997.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da Triplíce Aliança ao Mercosul)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PINHEIRO, Letícia. *Política externa brasileira (1889-2002)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SOUTO, Cintia Vieira. *A Diplomacia do Interesse Nacional: a política externa do Governo Médici*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A política externa do Regime Militar brasileiro: multilateralização, desenvolvimento e a construção de uma potência média (1964-1985)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.